A proposito de uma petrographia encontrada na fazenda do Mucambo em Itapipoca

> «Para mim merece mais interesse do que a decifração das inscripções, tão duvidosa e problematica, a sua distribuição geographica sobre o continente sul americano e as conclusões que permittem a respeito da extensão e immigração antiga dos povos que as fizeram».
>
> Von Ihering (Civil. Prehist. do Brasil Meridional).

Achando-me em passeio pela região da Urubu-retama fui informado que, não longe da fazenda do Mucambo, existia certa pedra coberta de caracteres extravagantes e desconhecidos, pelo que lhe adviera o nome de *Pedra Ferrada*.

Como não me parecesse constar tal inscripção dos livros e artigos sobre epigraphia brasileira (1), facto que posteriormente verifiquei ser exacto, resolvi visital-a.

---

(1)—O Ceará é talvez, depois do Amazonas, o Estado da Republica em que ha referencias a maior numero de letreiros lapidares. Deve-se isso em grande parte ao Pe. Francisco Corrêa Telles de Menezes que, buscando descobrir alfaias, riquezas e thesouros occultos pelos hollandezes e jesuitas, percorreu varias vezes os sertões nordestinos e encontrou aqui nada menos de 122 petrographias e lithoglyphos. T. Araripe, de quem colhi o informe, dá-nos dellas longa e minuciosa relação, extrahida do livro «Lamentação Brasileira», obra daquelle Sacerdote. A's inscripções assignaladas por Corrêa Telles deve-se juntar ainda as patenteadas por Whitfield, entre a Serra Grande e da Meruoca, e João Nogueira, na Casa da Pedra.

A excursão era, na opinião das pessôas que conheciam a região, perigosissima. O pesado inverno afrouxara a terra dos morros, que deveria transpor, produzindo nelles grandes «*derretimentos*»; por outro lado os ophideos fugidos ás varzeas inundadas abundavam nas serras.

Venceu, porém, a curiosidade e sobretudo o desejo de conhecer *de visu* um desses phantasticos documentos da nossa pre-historia.

Pagou-me a pena da longa travessia de quasi duas leguas e a canseira da subida ingreme e difficil, a magnificencia do panorama, que me foi então dado contemplar; as petrographias de que, auxiliado pelo engenheiro Sebastião R. Alves, tirei copia mais ou menos fiel, eram assás interessantes.

Apresentavam-se traçadas com tinta vermelha (2) sobre a parede de uma gruta bastante ampla e representavam numerosos grupos de silhuetas, dispostos com regularidade em series parallelas. Alguns desenhos se viam junto á abobada da gruta, em altura superior a dois metros.

Das silhuetas humanas, motivo ornamental,

---

(2)—A composição da substancia tinctorial usada pelos indigenas em seus debuxos é ainda desconhecida. Martius, um dos mais operosos e mais idoneos investigadores das coisas brasileiras, no justo dizer de Alfredo de Carvalho, julgou-a provavelmente feita d'um barro vermelho, misturado com urucú e dissolvido em azeite; João Nogueira pensa ser a tinta empregada identica á de que ainda hoje se servem os oleiros do Ceará, na ornamentação de objectos ceramicos. E' possivel que assim seja, pois Jayme Reis encontrou petrographias coloridas em azul e amarello e D. Jaguaribe, em preto. A inscripção da serra do Ererê é de um dichromismo interessantissimo. A mim me pareceu a tinta confeccionada com a materia corante extrahida de certos lichens abundantes na região, e que dão ás rochas uma bella cor vermelha muito semelhante á dos desenhos que examinei.

Trouxe um pouco dos referidos cryptogamos, no intuito de extrahir delles o principio corante; submetti-os á acção de varios dissolventes, não logrando, porém, resultado.

E' questão a esclarecer.

eram umas perfeitamente visiveis, outras já n distinctas, devido á acção do tempo e á desagg gação da rocha sobre que se achavam desenhad e apresentavam sempre o mesmo aspecto. O tr co, pescoço e cabeça eram expressos por um t ço unico espesso e recto, do qual partiam qua linhas mais delgadas,—duas, da extremidade in rior, representavam os membros podalicos, e du da união do quarto superior com os tres quart inferiores do tronco, eram os membros cepl licos.

Desenhando o torso ora erecto, ora inclina para a direita ou para a esquerda, e fazendo hir os antebraços e pernas em angulos de aber ras as mais variaveis sobre as côxas e braç conseguiu o artista dar ás suas figuras uma m tiplicidade de attitudes verdadeiramente notav Os individuos assim esboçados variavam tamb de tamanho, mas nelles se não percebiam nem p nem mãos.

Além dos desenhos apontados distinguia mais, perfeitamente nitida e clara, a silhueta de bovideo a pastar; via-se tambem uma ave de l gas azas abertas, esta, porém, de feitura muito dimentar.

As inscripções lapidares abundantes em no paiz e em toda a America, nas rochas que m geiam os rios e lagos, nos serrotes e penh nas grutas e lapas, occultas nas caatingas e nhados, tem despertado a attenção dos estudio desde as eras coloniaes. Yves d'Evreux e Gabi Soares as mencionam e dellas fallam os chronis e viajantes antigos.

Modernamente, quasi todos os naturalista viajantes assignalam a sua existencia.

Estudaram-na, entre nós, com carinho, cui dosamente, Tapajós, Ferreira Penna, Barbosa R drigues, Capanema, Porto Seguro, Taunay, Fern des Pinheiro, Cunha Mattos, T. Araripe, Ladis

Netto, Severiano da Fonseca, G. Tocantins, Jayme Reis, João Nogueira, Alfredo de Carvalho e Th. Sampaio, grande numero de estrangeiros e sobre tudo Koch Grüenberg.

Que representam e quem traçou esses mysteriosos signaes ?

Os aborigenes, por certo os primeiros interrogados a respeito, nada sabiam responder,—rezam os chronistas—e allegavam para justificar a sua ignorancia o terem-n'os visto sempre ali desde a infancia.

Outros, comtudo,—taes são as informações que nos dão os viajantes modernos—fazem do ignoto artista, que as esboçou ou esculpiu, um remoto antepassado de seu povo, um heroe, cuja lembrança é conservada nos mythos e lendas de sua tribu (Sumé, Yapericuli dos Tarianas, Queri, Caru-Sacaebé dos Mundurucús), ou attribuem-nas a genios, gnomos ou demonios e por isso delles se approximam timidos e apprehensivos.

O nosso sertanejo, herdeiro da extraordinaria faculdade imaginativa do selvicola, na mania de tudo querer explicar, dá aos desenhos, que descobre, as mais phantasiosas e extravagantes interpretações. Para a credulidade popular são elles a obra de pagés ou feiticeiros africanos, «marcos de thesouros soterrados», indicios de riquezas occultas pelos flamengos ou jesuitas. Cabe notar que essas duas ultimas explicações muito se approximam das que propuzeram os primeiros desbravadores do *hinterland* brasileiro.

No conceito do meu informante de Itapipoca, servia a inscripção da *Pedra Ferrada* para assignalar uma rica mina de salitre, que ainda não descobrira mas de cuja existencia não tinha duvidas.

Os estudiosos, que modernamente têm examinado a curiosa questão da epigraphia brasileira, emittem a respeito do valor documental das ins-

cripções lapidares opiniões as mais desencontradas e discordantes.

Assim, pretendem uns, que o artista tenha querido deixar indelevel na rocha a historia da tribu (Jaguaribe), registrar acções guerreiras, commemorar victorias notaveis e acontecimentos importantes (Ehrenreich, In Thurn, Ernest); outros, vêem nas petrographias o «quadro grandioso de antiga civilização indigena» (Chaffanjan), o attestado de «um gráo de cultura mais elevado entre indigenas de outr'ora» (Humboldt, Richard, Schornburgk), «maravilhosos e estupendos monumentos hieroglyphos de um povo» (Cunha Mattos), «obra de antigos habitantes que, em antiguidade e importancia cultural, talvez, não ficassem aquem dos Mexicanos e Peruanos» (Whitfield), ou ainda, «figuras destinadas a afugentar os demonios» (J. Crevaux), marcar territorio e dividir povos.

Perceberam-se nas lapides toscamente executadas imagens de sóes, luas e serpentes, e foram os sabios levados a attribuir-lhes caracter religioso (Hartt e Martius), ou o «valor de mysteriosos symbolos da cosmographia indigena» (B. Rodrigues).

Descobriram-se, gravados nas pedras, signaes que lembram vagamente os emblemas da ultima dynastia peruana e isso induziu Leuzinger a concluir serem ellas as balizas, que marcam as grandes invasões quichúas.

Desenharam os indigenas brasileiros comexagerado realismo as figuras humanas e eis porque Kunert vê nessas rudimentares manifestações artisticas, attestado flagrante da licenciosidade dos incolas primitivos de nossos sertões, e outros, a prova incontestavel da phallolatria entre selvicolas americanos. (Brown e L. Netto).

A abundancia de lithoglyphos nos rochedos, que margêam os rios, levou a phantasia dos viajantes a suppol-os destinados a assignalar lugares de naufragios ou pontos piscosos, e, final-

mente, a Stradelli a consideral-os signaes convencionaes, constituindo documentos historicos que talvez registam antigas migrações e foram collocados em pontos importantes afim de indicarem o caminho ás seguintes».

Todas essas opinões, mencionadas por Alfredo de Carvalho, foram por elle vantajosamente combatidas em seu livro «PREHISTORIA SUL-AMERICANA». Nessa obra magnifica e digna de ser por todos consultada, apoiado nos demorados e conscienciosos trabalhos de Koch, Gruenberg, Malley e Andree conclue elle que nada autorisa a attribuir essas inscripções lapidares a uma civilisação superior hoje extincta e são «sempre ociosos e grosseiros primordios de uma arte primitiva e rude, guiada tão somente pela phantasia», simples *ludus homini*.

Theodoro Sampaio, numa these de vastissima erudição, que apresentou, em 1915, ao 1.º congresso de Historia Nacional, volta a insistir sobre o valor das petrographias e dos lithoglyphos. Estuda o terror e a supersticiosa veneração que lhes votam os indigenas; observa a frequencia das petrographias nas paredes e tectos das grutas, na face abrigada de rochedos, na escarpa ingreme das penedias, nos serros que bordam as cachoeiras e rapidos; pretende que a tinta era de confecção difficil e por isso não a gastariam descuidosos os indigenas (3); mostra a existencia quasi constante de igaçabas, fragmentos ceramicos e carvão ao pé das inscripções; e deduz que «de ordinario,

(3)—"O preparo da tinta, diz Th. Sampaio, quasi indelevel que resiste por seculos á acção do tempo exige cuidado e trabalho, que não se compadecem com o emprego futil dos momentos de ociosidade. O indio que grava na pedra ou desenha na mesma pedra um signal ou uma figura qualquer, dependente isto de material que lhe exige custoso e previo trabalho, não brinca, reflecte um pensamento que lhe merece o esforço despendido".

assignalam a morada dos mortos, os jazigos ou necropoles dos incolas primitivos e têm a sua significação funerea».

Talvez esteja com a razão o illustre membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, é possivel que as inscripções lapidares servissem e sirvam ainda para marcar *sitios funereos*, hypogeus ou simples sepulturas; os argumentos que evoca não me parecem, todavia, muito ponderosos.

Sinão vejamos: Sustenta Th. Sampaio ser de preparo difficil a tinta usada nas petrographias e por isso d'ella não lançaria mão o selvicola sem fim utilitario. Ora não se acha assente fosse o aborigene brasileiro dotado do sentimento de previdencia, que lhe atribue implicitamente o autor. Bem ao contrario, parece demonstrado que essa qualidade moral, apanagio dos povos de cultura elevada, é mesmo incompativel com o desenvolvimento intellectual e com a indole negligente e desleixada do bugre.

Supponhamos, porém, que seja verdadeira a observação do autor da these; ainda assim, nada provaria elle com tal argumento, porquanto as pinturas bem poderiam ter sido feitas pelos caboclos para avaliar o grão de homogeneidade e apreciar a tonalidade da tinta a ser empregada na pintura de seus corpos, de suas armas e utensilios.

Allega o douto indianologo em pról de suas idéas a existencia de artefactos indigenas na circumvisinhança de grande numero de inscripções lapidares, a ausencia quasi absoluta de petrographias em lugares desabrigados, e o respeito que lhes votam os selvagens. A isso seria licito objectar-se que os artefactos encontrados talvez proviessem, como pensa Martius, de antigos aldeiamentos antes do que de cemiterios indigenas; quanto ao terror manifestado pelos bugres ante as inscripções lapidares (receio que, aliás, não é

assignalado por todos os viajantes), poderia proceder de facil impressionalidade de que são dotados e que os leva a ver nos lithoglyphos, onde existe esboçada a figura de *iurupari*, não a imagem, mas o proprio ser representado, a sua obra ou a sua moradia; ou ainda lhes vinha, não da propria inscripção, mas da configuração do rochedo, do aspecto local em que, de ordinario, se encontram.

A ausencia de petrographias em lugares desabrigados nada demonstra tambem. Muito mais acceitavel e logico, é, me parece, admittir-se que as pinturas expostas ás intemperies tenham sido desfeitas por ellas, conservando-se indeleveis apenas as que existiam nas grutas e cavernas, do que pensar-se ter o gentio escolhido préviamente lugares abrigados para esboçal-as.

Que lhes era indifferente o local para darem larga ás suas tendencias artisticas, prova-o a existencia de algumas petrographias e innumeraveis lithoglyphos—mais resistentes estes á acção do tempo—em rochas desprotegidas.

Assim, em meio de tanta controversia, subsistem apenas as judiciosas palavras de Ihering, evocadas ao começar o nosso artigo. E é para servir aos competentes e aos profissionaes que queiram lançar mão das petrographias para seus estudos que aqui deixo assignalada a existencia da *Pedra Ferrada*.

Em 2—20—1924.

Carlos Studart Filho.